

Chuva em SP é recorde no País

TRAGÉDIA DE VERÃO

RECORDE MORTAL
Chuvas que mataram 40 no litoral de SP foram as piores em 24 horas

MARIANA ROSÁRIO IVAN
MARTINEZ VARGAS, BIANCA
COMES E GUSTAVO SCHMITZ
ILUSTRACÃO:
SOMALDI SOUZA/ISTO É

O serviço de meteorologia MetSul informou ontem que as chuvas que atingiram o Litoral Norte de São Paulo no fim de semana e deixaram pelo menos 40 mortos foram as maiores já registradas no país num período de 24 horas. O fenômeno superou as chuvas que atingiram Petrópolis no ano passado, matando mais de 200 pessoas.

Segundo dados do Centro Nacional de Previsão de Desastres (Cemaden), entre 9h do sábado e 9h do domingo, a chuva somou 680 mm em Bertoga e 626 mm em São Sebastião — onde morreram 39 pessoas. Além disso, choveu 388 mm no Guarujá, 337 mm em Ilhabela, 335 mm em Ubatuba, 234 mm em Caraguatatuba, 225 mm em Santos, 203 mm em Praia Grande e 186 mm em São Vicente. Cada milímetro corresponde a um metro quadrado de água. Em Petrópolis, foram 534,4 milímetros de água acumulados em 24 horas.

Dos mortos em São Sebastião, pelo menos 31 mortes foram em Barra do Sahy. Outras duas foram em Juquehy, uma em Camburi e uma em Boiçucanga. Em Ubatuba, uma criança de 7 anos morreu quando sua casa foi atingida por uma pedra. O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) decretou estado de calamidade pública em Ubatuba, São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Bertoga.

DEVE AUMENTAR
Coordenador da Defesa Civil do estado de São Paulo, o coronel Henguel Ricardo Pereira disse que é provável que o número de mortos aumente. Henguel ressaltou que a Defesa Civil fez "diversos alertas" sobre as chuvas do fim de semana, mas nem o próprio órgão imaginava um temporal de tamanha intensidade. O tempo instável pode atrapalhar a busca de desaparecidos, admitiu:
— Outra dificuldade é o volume de terra que desceu, altíssimo. É um trabalho de-



Esperança de salvar o que sobrou. Moradores do bairro Itatinga, em São Sebastião, cidade onde morreram 39 pessoas, tentam tirar a lama de residências

morado, manual, pois os bombeiros têm que cavar até encontrar as pessoas. O número de mortos deve aumentar ainda.
Helicópteros da Força Aérea Brasileira estão apoiando o socorro. Uma das pessoas ilhadas retiradas de São Sebastião pela FAB foi a ministra da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck. Muitos habitantes do município se organizaram para fazer resgates por conta própria. Moradores formaram uma corrente humana para retirar, levando pelos braços, dois bebês tirados de destruições. Em Barra do Sahy, outro bebê foi salvo dos restos de uma

casa destruída.
O capitão Caique Amaral, da Defesa Civil, contou que cerca de 100 pessoas atuam nas áreas atingidas pela chuva em São Sebastião, mas a prioridade é a localização e o resgate de soterrados. Com isso, pessoas que tiveram suas casas alagadas ou destruídas reclamaram da falta de socorro no Morro do Juramento, no bairro de Itatinga, no município.
No fim da tarde de ontem, cerca de 30 moradores, com enxadas, descalços ou de chinélos, com barro até as canelas, tentavam salvar o que era possível. No morro, as casas foram construídas numa encosta que há anos



Solidariedade. Voluntários passam bebês de mão em mão durante resgate em São Sebastião

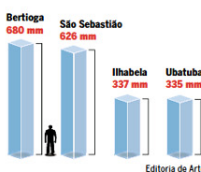
O QUE PROVOCOU AS CHUVAS?

Segundo meteorologistas do Inmet, as tempestades foram resultado de uma combinação de fatores, como um corredor de ar quente e úmido vindo da Amazônia e um sistema de baixa pressão no Atlântico:
1 Um corredor de ar quente e úmido que vem do Atlântico Equatorial.
2 passa pela floresta Amazônica e
3 chega ao Sudeste.
4 A chegada dessa frente ao litoral se somou à ação de um sistema de baixa pressão do mar está elevada. Esse fenômeno "soprou" evaporação do mar para o continente, que no Litoral Norte de SP foi de encontro aos morros, gerando os temporais vistos.



ACÚMULO DE CHUVA

Em 24 horas, principalmente entre sábado e domingo, choveu 683 mm em Bertoga, o maior índice registrado na história da cidade. É como se chovessem mais de 600 litros de água por metro quadrado. Em São Sebastião, o acumulado foi de 627 mm; em Ilhabela, de 335 mm; e em Ubatuba, de 335 mm.



tinha risco de erosões nos meses mais chuvosos. No site da prefeitura de São Sebastião, há registros de danos às moradias em 2020.

O ajudante de pedreiro Thiago Aparecido da Silva, de Santos, é um dos desalojados que foi para o abrigo improvisado na Escola Municipal Professora Patrícia Viviani, no centro de São Sebastião. Silva se mudou há cinco meses para o município, com três filhos e a mulher, que é diarista. Há três meses, Thiago alugou uma casa por R\$ 500 no Morro do Juramento.

— Por volta de 2h da madrugada (de domingo), acordamos com um barulho de pedra no meio da chuva forte. Vimos uma geladeira e parte de paredes descendo a rua. Como a chuva estava forte, não saímos, mas a casa do vizinho deslizou e bateu na nossa. Tive que quebrar o forro e o telhado para fugir com meus filhos — afirma.

Na base do mesmo morro, morava a cozinheira Zuleide Alves, de 38 anos, com três de seus seis filhos e o marido. A caçula, Rhilary Vitória, nasceu no dia 12 de fevereiro.

— Estávamos todos em casa quando por volta da meia-noite, ouvimos um estrondo. Achei que era um trovão, mas era a terra cedendo. Vimos que a lama estava levando tudo: árvore, poste, pedras, casas, geladeiras, fogões. Ai tivemos que sair correndo — conta.

'ME CARRÉGARAM NO COLO'

Moradora de Itatinga há mais de 20 anos, Maria Antônia Ferreira, de 65 anos, inspetora de ensino aposentada, foi salva pela ligação de uma amiga. Hipertensa, diabética e cadeirante, ela mora só e também está no abrigo improvisado.

— Acordei com o telefone às 7h de domingo. Vi que estava chovendo bem forte, um monte de pedra e lama. Consegui sair porque funcionários da Defesa Civil me carregaram no colo — diz.

Na Travessa Antonio Tenório dos Santos, quatro homens da Defesa Civil de Jacareí, cidade do Vale do Paraíba, operavam uma escavadeira para a remoção dos detritos. Em meio ao cheiro de esgoto, 11 moradores trabalhavam na casa do pintor André Luiz Aguiar de Araújo, de 34 anos. Após horas, conseguiram baixar a lama dos cômodos. O s eletrodomésticos foram perdidos.

— Já sei que não vou mais poder viver aqui, e nem quero. Só escapamos com vida porque nosso cachorro nos acordou com latidos na madrugada, já com a lama no pescoço — conta André, que pagava um aluguel de R\$ 800 pela casa em que morava com mulher e três filhos.

VIVI PARA CONTAR

'O barulho era como se um gigante tivesse se estatelado encosta abaixo'

GUILHERME CAETANO

Eu e sete amigos nos instalamos numa casa entre Boiçucanga e Maresias. Apesar da chuva que começou por volta das 20h de

sábado e se seguiria por 12 horas, nenhum de nós cogitava qualquer desastre. A casa estava ali havia 30 anos e nunca experimentara qualquer anomalia.

Era como se um gigante tivesse se estatelado encosta abaixo. Ouvimos os troncos e galhos se retorcendo e o baque surdo das árvores tombando. Uma parte da encosta tinha do abaixo. O caseiro

fugiu quando a primeira árvore caiu por cima do telhado de sua residência. A estrada que levava para Boiçucanga estava interditada por terra, árvores e o transbordamento do rio. Pusemos os colchões na

varanda para passar a noite em alerta. Pela manhã, não havia mais telefone, energia elétrica e água. Abrigamos pessoas de uma casa próxima invadida pelo rio. Ao lado, quatro pessoas esta-

vam soterradas num deslizamento que destruiu duas passadas, de acordo com um bombeiro.

No fim do dia, o rio baixou e chegamos ao centro de Boiçucanga. São Sebastião tinha colapsado. Continuamos ilhados até as estradas serem liberadas.

* Guilherme Caetano é repórter do GLOBO



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil **Página:** 7 e 8